

ESPAÇOS DE LAZER E CULTURA NA CIDADE DE ESPERA FELIZ-MG: ANÁLISE DA FUNCIONALIDADE E ADEQUAÇÃO DE SEUS USOS DA PRAÇA DR. JOSÉ AUGUSTO E DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES

***Mauricio da Costa Silvestre Junior¹, Izadora C. Corrêa Silva²,
Andréia Aparecida da Costa³.***

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu/FACIG, mauricio.silvestre@gmail.com

² Mestre em Engenharia Civil, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu/FACIG, izadoracorreia@gmail.com

³ Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu/FACIG, Andreiacgarq@gmail.com

Resumo- A qualidade dos espaços públicos se apresenta como um importante instrumento incentivador da diversidade, qualificando a utilização e funcionalidade desses espaços destinados às pessoas. Mediante a isso, o presente artigo tem como objeto de pesquisa a ausência de espaços de lazer e cultura funcionais em cidades de pequeno e médio porte, com a finalidade de verificar os espaços da cidade de Espera Feliz-MG quanto a sua utilização e infraestrutura. Com abordagem qualitativa, a pesquisa conta com estudos bibliográficos, a fim de entender as consequências de um espaço mal estruturado no comportamento e na qualidade de vida de seus usuários, e uma análise de campo com base em mapas comportamentais, a fim de entender as principais concentrações e fluxos e o comportamento das pessoas diante do espaço público, além de utilizar da observação *in loco* e levantamento fotográfico com objetivo de entender e analisar como se dá esta utilização. Confirmou-se que na cidade de Espera Feliz, há a presença de espaços com potencial de melhor aproveitamento, porém o uso a que estes se destinam criam uma série de limitações aos usuários, pela falta de estruturação e funcionalidade adequada, confirmando a possibilidade de reorganizar e reestruturar estes locais.

Palavras-chave: Espaços Públicos; Mapas Comportamentais; Áreas de Lazer; Cidade; Espera Feliz.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a análise de espaços de lazer e cultura da cidade de Espera Feliz-MG com relação à funcionalidade e à adequação de seu uso, apresentando a importância na utilização saudável desses espaços destinados a pessoas, na busca pelo bem comum do corpo, mente e espaço.

Com foco na qualificação de áreas públicas como um incentivo à diversidade, busca-se, para a cidade, diferentes culturas, tribos e grupos sociais, criando uma relação mais próxima das pessoas para com os espaços e proporcionando maior sociabilidade entre elas, gerando qualidade de vida para a população e dinamizando a utilização dos espaços da cidade.

Observa-se que, nas cidades de pequeno e médio porte não há a preocupação em proporcionar a população áreas úteis e de qualidade. A falta de funcionalidade em espaços já estruturados na cidade estaria ligada a essa despreocupação? O desprendimento para com o espaço público resultaria na má utilização, abandono e, conseqüentemente, morte desses espaços? Como seria o espaço ideal, útil e de qualidade para essas cidades?

No caso de Espera Feliz, cidade localizada na região da Zona da Mata Mineira, emancipada segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 17 de dezembro de 1938, através do Decreto de Lei nº 148, tem como ponto forte de sua economia a agricultura cafeeira, com população estimada em 2015 de 24.469 habitantes, o município apresenta muitas áreas públicas, em sua maioria, praças, fazendo-se necessário um melhor entendimento do que vem sendo oferecido à população em termos de áreas úteis ao lazer e à cultura. Com a realização de eventos tradicionais muitos relacionados a cultura local, a cidade sedia eventos em diferentes escalas, como a Exposição Agropecuária, evento de grande porte que acontece anualmente e eventos menores, como a Feira Livre que movimenta as manhãs de sábado durante o ano inteiro, ressaltando que na cidade já

aconteceram outros eventos culturais, como o teatro de rua que incentivava o uso do espaço público com o objetivo de contemplar cultura a céu aberto, mostrando-se esquecida nos dias de hoje.

Como marco teórico, tem-se as ideias sustentadas por Jacobs (2011), abordando novos princípios de planejamento urbano e funcionalidade das cidades, como maneira de saber quais decisões tomar para conseguir promover a vitalidade nas cidades e o que não deve ser feito para ter a morte de áreas públicas como consequência, defendendo a necessidade de que as cidades têm de uma diversidade de usos mais complexa e densa, gerando uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social. Já Gehl (2013) apresenta a dimensão humana como um importante ponto a ser levado em consideração no planejamento urbano, tendo como objetivo maior a diversidade de usos dentro da cidade, para o desenvolvimento de cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, além de reforçar a função social que o espaço público tem, como um local de encontro que contribui para a sustentabilidade social, democrática e aberta a todos. Mariano (2008) aponta como as manifestações do lazer ocorrem em meio ao conturbado cotidiano das pessoas na cidade, objetivando diagnosticar a realidade dos equipamentos de lazer das cidades de pequeno porte, visando à formulação de políticas públicas de lazer, especificamente nos eixos de espaços, equipamentos e formação do desenvolvimento pessoal. Souza (2005) apresenta questionamentos sobre a valorização de áreas privadas para o lazer e o esquecimento das áreas públicas, gerando decadência desses espaços e segregação social nas cidades.

Assim, o cuidado em promover áreas públicas levando em consideração seus usuários, vem como um importante instrumento de qualificação social e espacial, garantido diversidade, vitalidade e funcionalidade dos espaços públicos. Objetiva-se, portanto, verificar os espaços da cidade de Espera Feliz, quanto a utilização e a infraestrutura sob a ótica da diversificação e da adequação de seus usos, a fim de entender a importância desses espaços enquanto responsáveis por suprir as necessidades de seus usuários. Busca-se ainda analisar os espaços já estruturados verificando a implantação, seus usos, localização e infraestrutura adequada a utilização saudável por parte da população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na busca pela importância que a diversidade de usos tem enquanto provedora da vitalidade em áreas públicas, Jacobs (2011) aborda o quando os espaços públicos são carentes e dependentes da presença da vida e da aprovação conferida às pessoas, pois são elas as responsáveis por garantir o sucesso ou fracasso desses espaços. O fato de existir espaços vazios gera uma série de consequências negativas a cidade, em que o desperdício e as oportunidades perdidas assim como os constantes efeitos negativos trazem preocupações, resultado deste “não usar” o espaço, pois estes sofrem os mesmos problemas de ruas vazias, onde estas geram riscos à vizinhança e ganham fama de perigosas, tendo seu uso evitado, além do fato desses espaços e seus equipamentos se tornam alvos de vandalismo e depredações.

Ao mesmo tempo, a decadência dos espaços destinados ao lazer público, de acordo com Souza (2005), está diretamente ligada a questionamentos a respeito do desenho urbano, que implicam em imperfeições no sentido da sociabilidade, ou seja, no incentivar ou evitar o uso dos espaços destinados ao lazer, ao mesmo tempo analisar a insustentabilidade do coletivo, gerando segregação e constrangimento, baseado no que separa, em elementos que fazem com que pessoas criem esta barreira com o espaço urbano, em que pontos como riqueza, identidade, cultura, segurança e abandono, apresentam-se como alguns dos meios presentes na experiência urbana contemporânea.

Assim como Souza (2005), Mariano (2008) aponta o quanto se fazem vulneráveis as manifestações do lazer em meio ao cotidiano das pessoas, observando que, nas cidades, a centralização dos serviços e equipamentos de qualidade nas regiões centrais, dificultam a população residente na periferia de frequentar estes equipamentos.

A questão do uso e do acesso aos equipamentos de lazer deve ser trabalhada através de políticas públicas, a fim de tornar esses espaços democráticos. Porém, essas políticas não se restringem somente a políticas de atividades, que, na maioria das vezes, acabam por se constituir em eventos isolados, e não em políticas de animação como processo [...] (MARCELLINO, 2002 *apud* MARIANO, 2008, p.3).

Pois, segundo Souza (2005), um dos principais fatores que geram a segregação e abandono de áreas públicas, é chamado de “tribalização” à organização de espaços físicos, em que estes geram lugares erguidos sobre fronteiras que filtram a diversidade da cidade para garantir a filtragem

da assustadora heterogeneidade, como exemplo, temos os condomínios, *shoppings* e parques temáticos ou, em uma escala menor, os clubes e os pequenos residenciais.

Contrária a essa “tribalização”, Jacobs (2011) defende que a inserção do espaço público deve ser feita onde a vida pulse e haja movimentação, ou seja, onde tenha o máximo possível de diversidade que a cidade possa propiciar, pois um dos principais problemas do planejamento desses espaços se dá pela capacidade desses de serem utilizados e mantidos por uma vizinhança diversificada. E o motivo pelo qual levará essas pessoas a esses espaços se distingue em vontades e necessidades como: o descansar, o entretenimento, o trabalho, o se relacionar, o contato com a natureza, o manter uma criança ocupada, ou, simplesmente entreter-se com a presença de outras pessoas.

Ao mesmo tempo, Souza (2005) apresenta outro importante problema presente na atual relação das pessoas com o espaço, o “escapismo”, que busca no espaço privado a negação do peso das dificuldades da vida real, pela busca por uma alienação forçada, partindo da ideia de que essa população se retira do espaço público tradicional, fazendo com que essas áreas “sobrem” para as camadas menos favorecidas, consequentemente, o poder público passa a desvalorizar esse espaço, demandando menos investimentos, tendo como resultado o afastamento ainda maior das pessoas e gerando segregação e desvalorização do espaço público.

Dessa maneira, o espaço de lazer como importante instrumento na melhoria da qualidade de vida das pessoas e desenvolvedor de atividades que contribuam para seu bem-estar psicológico e estimulando o seu convívio social, passa a se tornar vulnerável, fazendo-se necessária a democratização do lazer através das políticas públicas. Porém, de acordo com Mariano (2008), o lazer sempre é colocado em segundo plano, pois a população sequer tem acesso à saúde, educação, alimentação e habitação de qualidade, fazendo-se inoperante a promoção do lazer na qualidade de vida da população, havendo a necessidade da luta pela democratização cultural.

Cabendo assinalar que o regime privado de uso de um espaço público restringe-o e submete-o a uma racionalidade particularizada, fugindo à razão dos encontros e circulação por espaços “para todos”.

É em meio a essa problemática do acesso e uso dos equipamentos de lazer, que Mariano (2008) questiona como se dá esse acesso nos municípios de pequeno porte, verificando a relevância em se analisar todo o processo de planejamento, construção, administração e animação dos equipamentos em cidades menores, com o intuito de uma política de democratização cultural; pois, geralmente, o lazer não é considerado cultura, porque, de acordo com a autora, a atual sociedade capitalista vem transformando o lazer em produto, com a possibilidade de se obter lucros, em que o consumismo invade o tempo livre das pessoas.

O espaço urbano passa a ser construído com interesses econômicos, resultando na desvalorização e, consequentemente, na dependência de políticas públicas capazes de solucionar este problema, através da manutenção, da animação sociocultural de equipamentos e da construção de novos quando necessário; remediando, de acordo com Jacobs (2011), a morte desses espaços, pois as cidades monótonas com espaços sem funcionalidade ou que não alcancem a todos são responsáveis pela sua própria destruição, enquanto cidades vivas, diversificadas e intensas, responsabilizam-se pela sua regeneração, com energia para enfrentar seus problemas e necessidades. As tipologias de diversidade geradas pela cidade resultarão no fato de que, nelas, muitas pessoas manifestarão os mais variados gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões. Essa diversidade pode acontecer em proporções menores, pois a vitalidade urbana se dá graças ao seu grande acervo de pequenos elementos.

Ainda sobre Jacobs (2011), a variedade de usos de edifícios ao redor do espaço público, vem como a garantia de usuários entrando e saindo em diferentes horários destes espaços, resultando em uma sucessão complexa de usos e usuários. Gerando a animação e a variedade que, juntas atraem mais animação, enquanto a monotonia afasta a vida, tornando-se decisiva não apenas o desempenho social da cidade, mas também em seu desempenho econômico. Apontando o quanto são importantes às inserções de áreas públicas funcionais e acessíveis em uma realidade de usos diversificados dentro do contexto urbano.

Diante da relevância do planejamento dentro no contexto urbano, Gehl (2013) apresenta a escala humana como um ponto esquecido e tratado com desprezo, sendo responsável pela prioridade do espaço público, das áreas de pedestres e do papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade.

Do mesmo modo, Torres e Costa (2010) apresentam essa humanização do espaço público como um instrumento democrático, partindo da ideia de que, para a construção de um local coletivo, é necessária a participação de todos, mediante à sua diversidade prática, fundamentada por um conjunto de ordem econômica, política e cultural. Entretanto Pfeiffer (1980) *apud* Rio (1990) lembram que a criação consciente de espaços públicos para a administração e o interesse social não tem sido foco de atenção em muitas situações.

Gehl (2013) continua defendendo que, independentemente da localização, economia e grau de desenvolvimento da cidade, as pessoas que ainda utilizam o espaço público em seu grande número são maltratadas, em que fatores como: espaços limitados, obstáculos, ruídos, poluição, risco de acidentes e condições vergonhosas são comuns para os usuários na maioria das cidades, independente da sua escala.

Tendo como consequência a redução de oportunidades para o pedestre, deixando a função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada, fazendo-se necessário como objetivo-chave de acordo com o autor, ter maior foco sobre as necessidades das pessoas que utilizam a cidade, pelo fato de serem modestos os custos para a inclusão da dimensão humana, tornando-se acessível a qualquer cidade do mundo, independente do seu grau de desenvolvimento ou capacidade financeira.

Nesse sentido, Gehl (2013), assim como Jacobs (2011) defende a diversidade de usos e o andar a pé, como importantes itens que devem ser levados em consideração, para garantir cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, mostrando o quão valiosas são as oportunidades sociais e recreativas reforçadas pelo andar a pé. Fazendo-se necessário, segundo Torres e Costa (2010), a implementação de políticas públicas de lazer, como investimento à qualidade do espaço das cidades e o favorecimento do bem estar para a população de diferentes camadas sociais. Lembrando sempre que, além das lutas por novos espaços que possibilitam o lazer, deve haver constantes manutenções nos locais já existentes, como forma de estimular o cuidado com esses espaços já estruturados.

Sendo a qualidade física dos espaços urbanos um fator muito importante levantado por Gehl (2013), pois o convite a uma atividade ao ar livre vai além de uma simples caminhada, incluem proteção, segurança, espaço razoável, mobiliário e qualidade visual.

Experimentar a vida na cidade é também um entretenimento estimulante e divertido. As cenas mudam a cada minuto. Há muito a se ver: comportamentos, rostos, cores e sentimentos. E essas experiências estão relacionadas a um dos mais importantes temas da vida humana: as pessoas (GEHL, 2013, p.23).

Dentro desse contexto, Rio (1990) apresenta os estudos comportamentais como importantes elementos para informar a qualidade espacial dentro do desenho urbano, a partir da psicologia do meio ambiente e dos estudos de comportamento dentro de uma determinada situação. Ou seja, a reação do ser humano, como reflexo da situação que ele se encontra, em que a forma como os elementos e os arranjos se apresentam, sugerem usos e ações diferentes e, através dessa análise, é possível compreender as qualidades que esse local proporciona para as relações sociais.

Além do mais, Gehl (2013) indica que o avanço tecnológico também se mostra influenciador do comportamento das pessoas diante do espaço público, pois a função do local como ponto de encontro do espaço da cidade estaria ameaçada pelo conjunto de opções eletrônicas que possibilitam um amplo e fácil contato com pessoas do mundo todo; pois esse dificulta as oportunidades de estar pessoalmente para encontros olho no olho, e para presenciar as imprevisibilidades momentâneas que só os espaços da cidade são capazes de proporcionar como local de encontro.

Porém, nada substitui uma simples mudança na política urbana, a fim de reforçar a qualidade e os objetivos sociais, em que, de acordo com Gehl (2013), o convidar é a palavra-chave e a qualidade urbana na pequena escala ao nível dos olhos se torna crucial, pois a cidade deve proporcionar boas condições para que as pessoas caminhem, parem, sentem-se, olhem, ouçam e falem.

Afirmando assim o quão importante é o respeito pelas pessoas e do reconhecimento que a cidade tem enquanto lugar de encontro, mostrando que o planejamento deve começar com as pessoas, pois é barato, simples, saudável e sustentável. Simplificando, construir uma cidade mais humana, afirma Gehl (2013). De acordo com Torres e Costa (2010), o lazer, considerado uma ação humana, deve ser pensado de modo a oportunizar os espaços urbanos, de maneira a funcionarem como instrumentos de interação entre indivíduos, grupos e classes.

3 METODOLOGIA

O presente artigo possui uma abordagem qualitativa, pois trabalha com dados subjetivos, caracteriza-se como descritiva e com forma de análise exploratória, a fim de explorar os fenômenos a respeito de espaços públicos sem funcionalidade para a utilização das pessoas na cidade de Espera Feliz.

Como método de pesquisa, fez-se o uso de revisão de literatura baseada nas questões relacionadas à morte dos espaços públicos e a diversidade de usos, a qualificação dos espaços sociais e o comportamento humano nas cidades de pequeno e médio porte.

Buscou-se, ainda, utilizar de mapas comportamentais aplicados na Praça Dr. José Augusto em duas situações diferentes, uma em um dia de semana e outra em um final de semana, ambos de 9h as 11h da manhã pelo fato de ser o horário de funcionamento da feira livre aos sábados, com análises mapeadas em períodos alternados de 30 em 30 minutos tendo sua duração de 2 horas, visando a observação da área de estudo, a fim de fazer um comparativo das duas situações considerando pontos como: principais concentrações e fluxos e o comportamento das pessoas diante do espaço público.

Além disto, foi realizada a observação *in loco* e levantamento fotográfico do Parque de Exposições com o objetivo de entender e analisar como se dá a sua utilização na maior parte do tempo e compreender de que maneira este espaço passa a ter utilidade para a cidade. Caracterizando o trabalho como uma pesquisa de campo, pelo fato de trabalhar com procedimentos além da pesquisa bibliográfica, realizando coleta de dados e pesquisa-ação analisando determinadas ações através dos mapas comportamentais.

Tendo como método de análise qualitativa, pelo fato de se tratar de uma pesquisa experimental e de levantamento, em que, segundo Gil (2012) não há métodos pré-definidos para a orientação do pesquisador, a análise de dados na pesquisa qualitativa passa a depender dele.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como ponto inicial deste estudo, fez-se uma breve contextualização dos principais pontos que se caracterizam como praças e áreas públicas destinadas ao lazer e estar com proximidade em maior ou menor grau com o centro da cidade de Espera Feliz-MG, como forma de entender e analisar o que vem sendo oferecido à população em termos de áreas úteis ao lazer e cultura, dentre as áreas com maior potencial de aproveitamento pela população.

A Figura 01 apresenta o traçado da cidade com foco maior na sua centralidade, em que se tem o uso mais intenso por se tratar da área com maior concentração comercial, sendo possível analisar a presença de cinco áreas públicas com proporções e distâncias distintas com relação ao centro, em que, apesar de ter um número relevante em termos quantitativos, nenhuma oferece boas condições em sua totalidade para uma utilização saudável, algumas pela dificuldade de acesso, outras pela falta de funcionalidade ou por não atenderem as reais necessidades da população, ou seja, existem apenas para agradar aos olhos.

FIGURA 01 – Áreas Públicas próximas ao Centro da Cidade



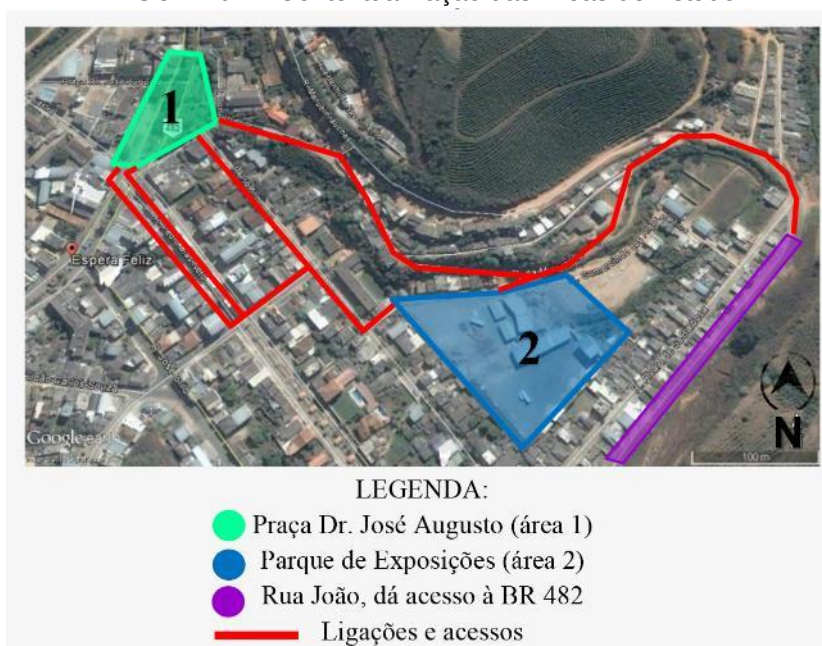
Fonte: Google Earth (adaptado) 2015.

Sendo possível enxergar o que Jacobs (2011) e Gehl (2013) falam a respeito da importância de promover áreas públicas úteis e de qualidade, com foco em novos usos que proporcionem diversidade e vitalidade desses espaços, para que tenha uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social, em que o espaço se torna um local democrático e aberto a todos.

Em meio a estas áreas indicadas na Figura 01, duas foram escolhidas como foco de estudo, a Praça Dr. José Augusto (Área 1), por se encontrar no centro da cidade e ser responsável por atender aos movimentos sociais já estruturados nesse município, como é o caso das Feiras Livres,

além de ser um local com grandes fluxos de pessoas e carros; e o Parque de Exposições (Área 2), pela sua falta de funcionalidade na maior parte do tempo, seu grande potencial e facilidade de acesso com relação ao centro da cidade. A Figura 02 exemplifica essa relação.

FIGURA 02 – Contextualização das Áreas de Estudo



4.1. ANÁLISE E NECESSIDADES DA PRAÇA DR. JOSÉ AUGUSTO

Inaugurada na década de 70, em homenagem ao primeiro Prefeito de Espera Feliz, nomeado no Estado Novo, tornou-se um local de grande importância e movimentação comercial para a cidade.

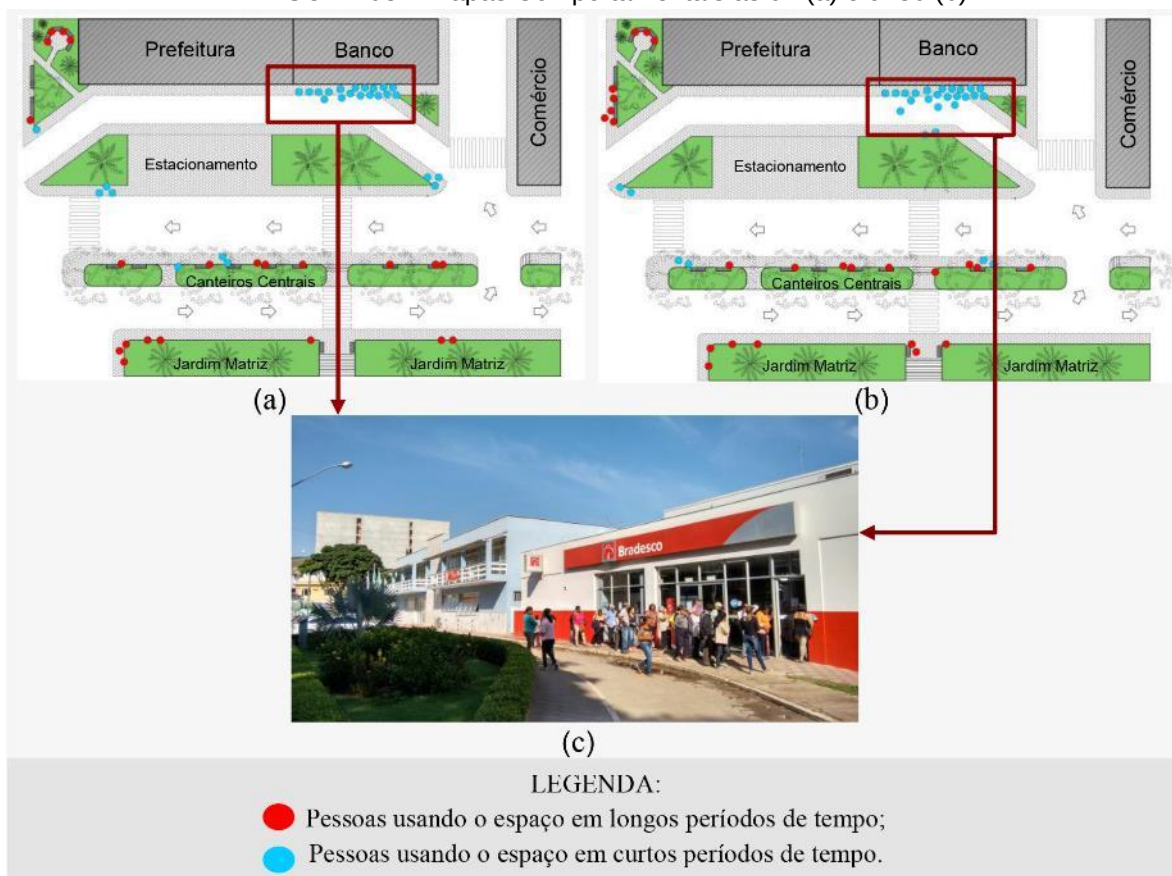
Dessa forma, a análise se deu com foco nas necessidades dos usuários desse local, baseado nas teorias de Rio (1990), em que estudos relacionados a psicologia do meio ambiente e os estudos de comportamento humano dentro de uma condição, ajudam a entender a reação do ser humano como reflexo da situação que ele se encontra, utilizando como método de análise os mapas comportamentais, visando a observação da área de estudo a fim de considerar pontos como: principais concentrações e fluxos de pessoas e o comportamento diante do espaço público.

Com foco no relacionamento entre usuário e espaço, a obtenção de dados se deu principalmente por meio de observação direta, possibilitando a identificação das aglomerações, preferências e conflitos, sendo realizada no turno da manhã, em intervalos regulares de tempo, com intuito de fazer uma análise comparativa do uso desse espaço em um dia útil e um final de semana, possibilitando a realização de uma avaliação técnica do ambiente construído.

Os mapas aplicados no dia útil foram realizados no dia 06 de maio de 2016 de 9h às 11h da manhã, com análises mapeadas de 30 em 30 minutos tendo duração de 2 horas. Observa-se que, em dias comuns, o uso em que se destina a Praça, na maior parte do tempo, é o trânsito de pessoas. Ponto de referência para encontros e local de espera no centro da cidade, seu caráter se torna limitado, sendo possível analisar a forma como seus espaços vão sendo apropriados.

No primeiro horário observado, às 9h da manhã (Figura 3 a), foi identificada uma concentração muito grande de pessoas utilizando o espaço em curtos períodos de tempo, próximo ao Banco, com um aumento dessa concentração às 9h30 (Figura 03 b). Ambas as concentrações representadas pela Figura 03 c.

FIGURA 03 – Mapas Comportamentais as 9h (a) e 9h30 (b)



Fonte: Do autor, 2016.

As demais áreas como os bancos dos canteiros centrais e o muro do jardim da Matriz, apresentam-se com concentrações constante de pessoas, sem muitas variações. Apenas no jardim ao lado da Prefeitura que há certa movimentação maior com relação ao primeiro horário (Figura 03 b).

Às 10h da manhã (Figura 04 a), os bancos dos canteiros centrais são ainda mais utilizados (Figura 04 b), o agrupamento antes identificado próximo ao Banco (Figura 03 b), torna-se mais disperso, apresentando-se como um local apenas de passagem.

FIGURA 04 – Mapa Comportamental as 10h (a)

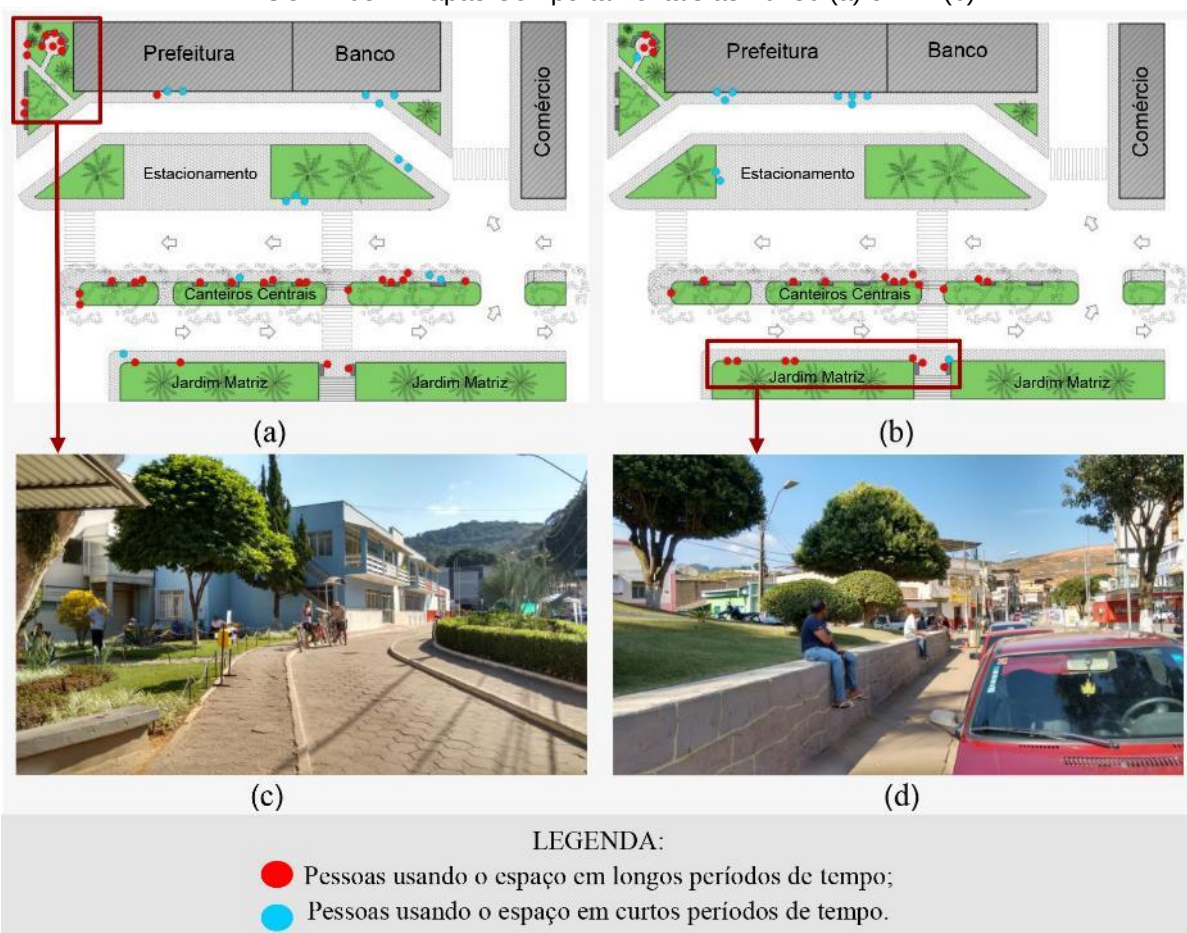


Fonte: Do autor, 2016.

Às 10h30 (Figura 05 a), a presença densa de pessoas nos canteiros centrais se mantém constante, com um número reduzido de usuários em períodos curtos de tempo. O ponto mais relevante se encontra no jardim ao lado da Prefeitura, onde a concentração de pessoas aumenta (Figura 05 c).

No último horário observado, às 11h da manhã (Figura 05 b), a Praça se encontra mais vazia, mantendo-se constante a concentração de usuários nos canteiros centrais. A Figura 05 d representa a apropriação do muro do jardim da Matriz como local de descanso e ponto de espera, sendo identificados com variações de quantidade de pessoas nas figuras anteriores.

FIGURA 05 – Mapas Comportamentais as 10h30 (a) e 11h (b)



Fonte: Do autor, 2016.

De uma maneira geral, os cinco mapas aplicados neste dia de 9h às 11h da manhã apresentaram uma concentração de pessoas utilizando o espaço em longos períodos de tempo, com maior densidade principalmente nas áreas do jardim ao lado da Prefeitura, nos bancos dos canteiros centrais e na parte do muro do jardim da Matriz.

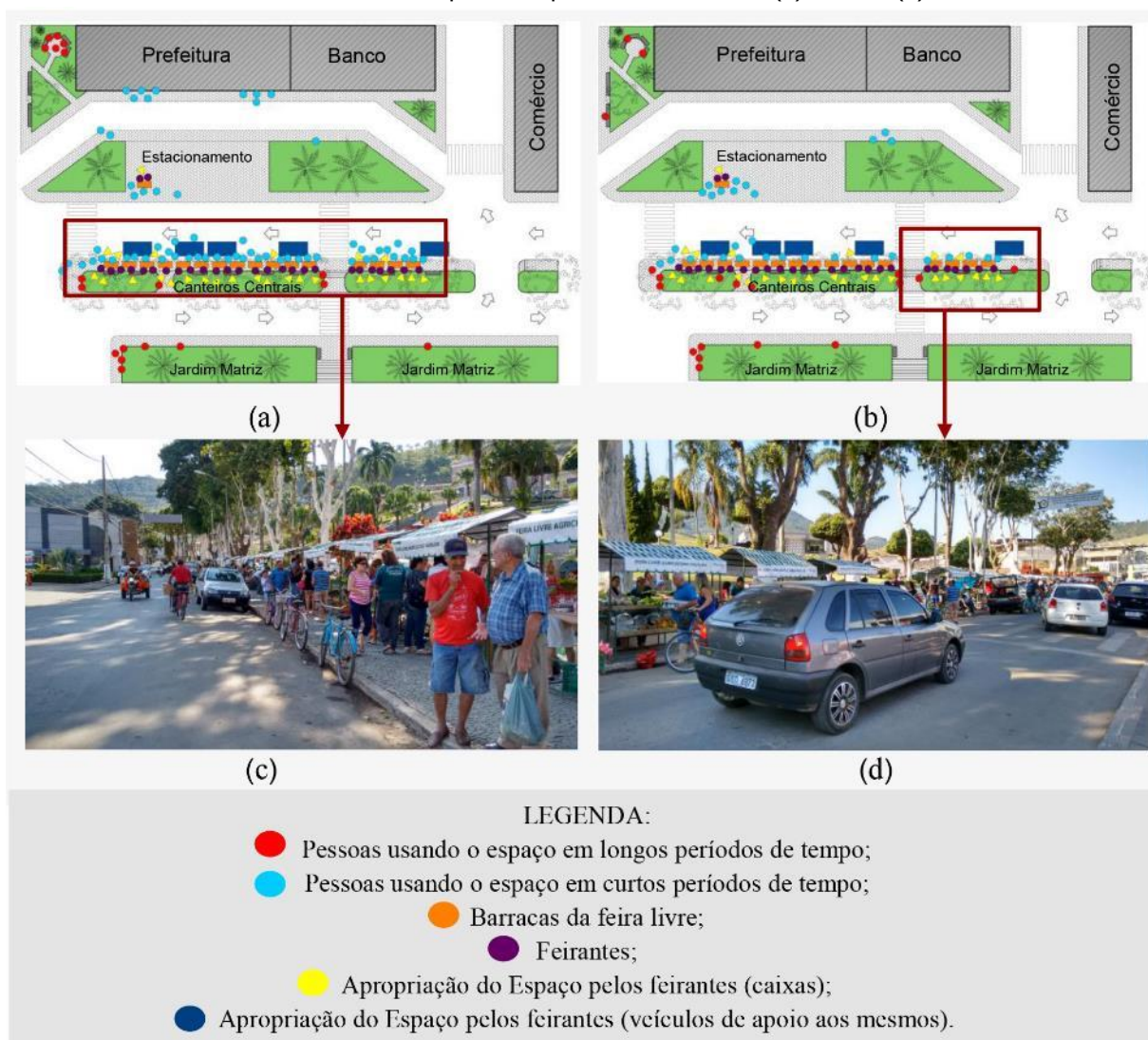
A forma como o espaço é apropriado se resume em um local com infraestrutura limitada à passagem de pessoas, com poucos pontos para o descanso, possibilitando o surgimento de locais alternativos para o descansar, como é o caso do muro do jardim da Matriz, sendo possível enxergar a vulnerabilidade do local em atender a demanda de pessoas indo e indo nesse espaço.

Os mapas aplicados do final de semana foram realizados no dia 07 de maio de 2016 de 9h às 11h da manhã, com análises mapeadas de 30 em 30 minutos tendo sua duração de 2 horas, o principal fator que diferencia o modo como este espaço é utilizado em comparação com um dia útil, se dá pelo funcionamento da Feira Livre aos sábados.

Iniciando as análises deste dia, às 9h da manhã (Figura 06 a), o “*layout*” da Praça se modifica, sendo adicionados os feirantes como “novos usuários”, além das barracas da Feira, caixas e os veículos dos feirantes no calçadão, criando uma interrupção constante do passeio público (Figura 06 c). Além disso, o número de pessoas circulando no local aumenta muito, havendo uma diminuição do uso do espaço para o descanso.

Às 9h30 da manhã (Figura 06 b), a movimentação de pessoas permanece em grau reduzido; porém, é possível perceber o quanto as pessoas que estão usando a Feira ficam expostas a riscos, pelo fato do trânsito de veículos da cidade funcionar normalmente ao lado da Feira (Figura 06 d).

FIGURA 06 – Mapas Comportamentais as 9h (a) e 9h30 (b)

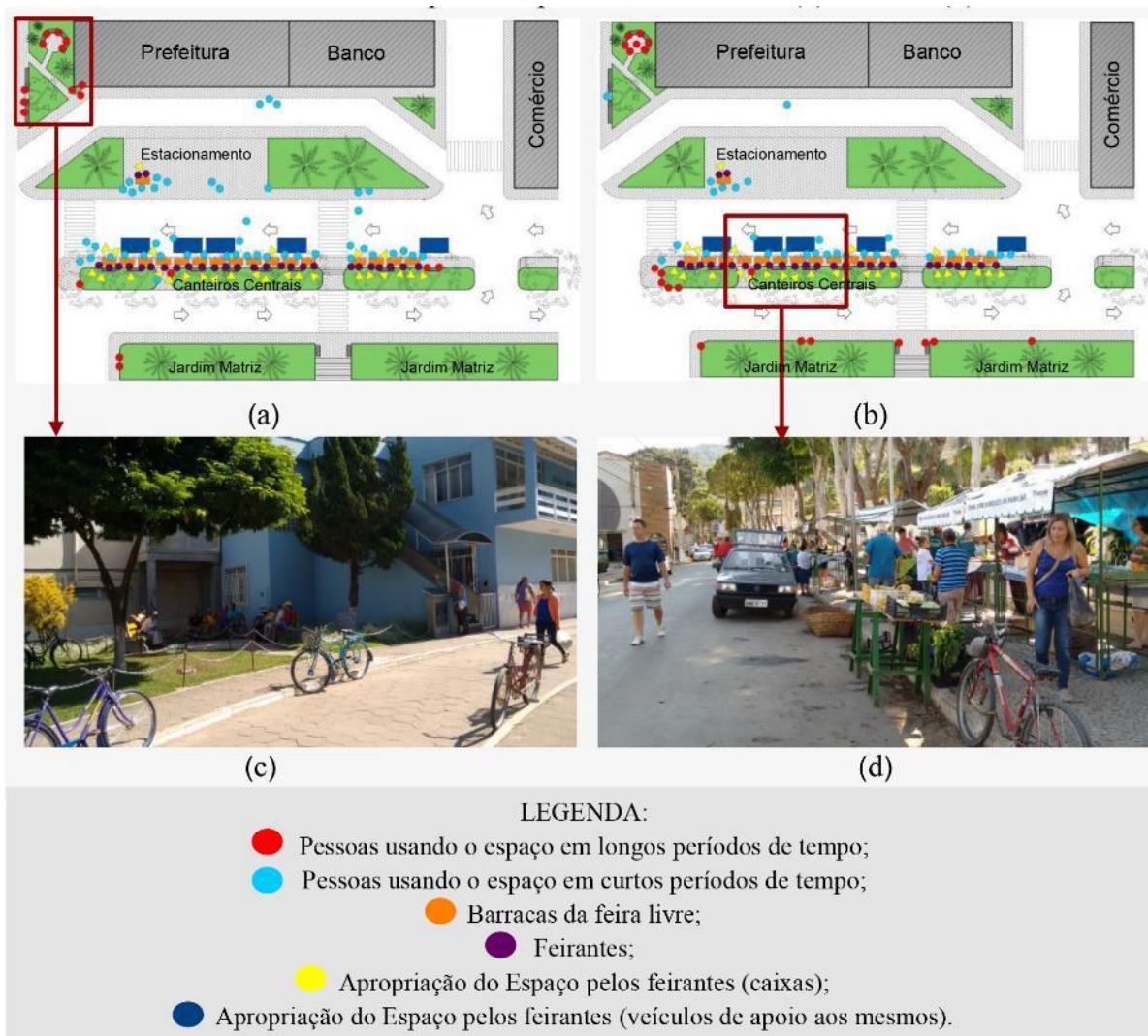


Fonte: Do autor, 2016.

Assim como nos mapas do dia útil, às 10h da manhã (Figura 07 a), a concentração de pessoas no jardim ao lado da Prefeitura passa por variações durante todo o período de análise, mas sempre com a presença de usuários usando aquele local para o descanso (Figura 07 c).

Às 10h30 da manhã (Figura 07 b), já começa a haver certa dispersão dos usuários, havendo uma melhor compreensão de como se dá o uso do espaço por parte dos feirantes.

O primeiro ponto relevante é o fato de alguns desses feirantes, utilizarem a área de passagem em frente às barracas para estacionar seus veículos e expor alguns de seus produtos, o que gera transtornos aos usuários pela dificuldade de locomoção e os deixam susceptíveis aos riscos de acidentes, como é o caso desse exemplo da Figura 07 d, em que um dos usuários está caminhando no meio da rua.



Fonte: Do autor, 2016.

FIGURA 07 – Mapas Comportamentais as 10h (a) e 10h30 (b)

No último horário observado, às 11h da manhã (Figura 08 a), já acontece uma diminuição brusca no número de usuários da feira, além do fato de identificar, assim como na área de passagem de usuários, a apropriação dos canteiros centrais da Praça, servindo de apoio aos feirantes, porém, criando novos obstáculos aos usuários do local, como mostra a Figura 08 b.

FIGURA 08 – Mapa Comportamental as 11h (a)



Fonte: Do autor, 2016.

Em uma análise geral dos estudos aplicados nesse dia de 9h às 11h da manhã, foi possível diagnosticar com clareza o quanto é inapropriado a área da Praça para o funcionamento da Feira Livre, tanto pela forma como ela é implantada, como pelas dimensões do local, claramente estabelecido pelo que Gehl (2013) fala, pela forma como as pessoas que utilizam o espaço público são maltratadas, em que fatores como: espaços limitados, obstáculos, ruídos, poluição, risco de acidentes e condições vergonhosas são comuns para os usuários na maioria das cidades independente da sua escala, pelo fato de não existir um espaço que sirva de apoio aos feirantes, o que os obriga a apropriar dos espaços que lhe são disponíveis, criando dificuldades de circulação e expondo a riscos os usuários que circulam pela Feira, intimidando-os a utilizar essa área de maneira tranquila sem outras preocupações.

Dessa forma, foi possível identificar a maneira como acontecem alguns eventos dentro do contexto de pequenas cidades. Nesse caso, os transtornos e os riscos em que os usuários são submetidos, comprovam a ineficaz função que este espaço oferece, confirmando claramente o que Mariano (2008) defende a respeito do quanto as manifestações do lazer acontecem em meio ao um conturbado cotidiano na cidade, em que o cuidado com o bem estar e a segurança das pessoas não é levado em consideração.

Na maioria dos casos, a cidade possui áreas públicas com realidades totalmente distintas, em que o caos e o mau funcionamento estão presentes em alguns locais, contrapondo-se com áreas de uso limitado e oneroso, longe de proporcionarem lazer aos cidadãos, o que cria certa contradição, pois sobra demanda de uso para certas áreas e falta para outras, havendo um *déficit* na utilização inteligente dos espaços públicos presentes na cidade.

No caso de Espera Feliz, isso acontece com o Parque de Exposições, pois seu uso é limitado, oferecendo poucas funções à cidade, havendo o desperdício de uma área com dimensões que extrapolam o necessário para abrigar a Feira Livre e outros eventos realizados na cidade, tudo isso resultado da sua desvalorização. Confirmando o que Mariano (2008) diz a respeito da centralização dos serviços e equipamentos de qualidade nas regiões centrais, esquecendo-se das demais localidades e, conseqüentemente, criando espaços nada democráticos.

4.2. ANÁLISE E POTENCIALIDADES DO PARQUE DE EXPOSIÇÕES

O Parque de Exposições Alexandre Pereira de Souza foi construído em homenagem ao primeiro Tabelião da cidade, em julho de 1985, com a função de sediar os grandes eventos de Espera Feliz.

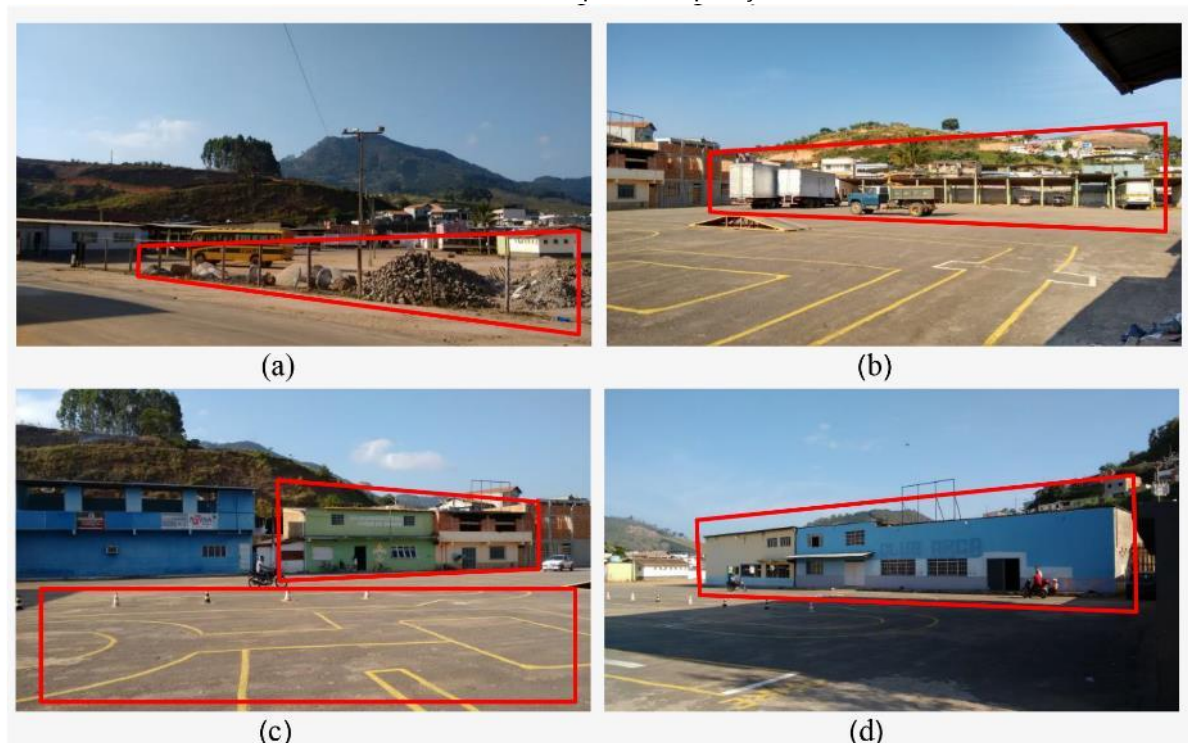
Dessa maneira, foi realizado, através de levantamento fotográfico e observação *in loco*, o estudo dessa área com o objetivo de entender e analisar como se dá a sua utilização na maior parte do tempo e compreender de que maneira esse espaço passa a ter utilidade para a cidade.

Tradicionalmente, o Parque de Exposições é responsável por abrigar os grandes eventos que acontecem na cidade, como *shows* e festas tradicionais como a Exposição Agropecuária; porém, estes eventos acontecem em um número muito inferior no decorrer dos anos, o que possibilitaria a utilização desse espaço para outros fins.

No transcorrer dos anos, quando não há nenhum evento acontecendo na cidade, o Parque se mostra como um local de pouca utilização, o que abre questionamentos a respeito da sua funcionalidade. Apresenta-se como um espaço oneroso, vazio e susceptível ao não usar o espaço, que é caracterizado por Jacobs (2011) como a morte deste; estes “vazios” geram consequências negativas a cidade, pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas pelo fato do espaço não possibilitar a função de local de encontro e fórum social, apresentada por Gehl (2013) pela falta de utilidade na cidade, além do fato de não oportunizar o lazer considerado por Torres e Costa (2010), como uma ação humana que deve ser pensada de maneira a funcionar como instrumento de interação entre diversos indivíduos, grupos e classes.

Na figura 09, é possível entender a subutilização em que se destina o Parque em dias comuns, tendo seu uso primário resumido em um depósito de materiais (Figura 09 a) e uma espécie de estacionamento dos veículos da Prefeitura (Figura 09 b). Além disso, como uso secundário, ele funciona como “pista” para auto escolas e abriga o Grupo de Escoteiros e a Associação de Pessoas Deficientes e Amigos (Figura 09 c) e os Clubes Rotary e Arca (Figura 09 d).

FIGURA 09 – Usos do Parque de Exposições no cotidiano



Fonte: Do autor, 2016.

Apresentando-se como um espaço de pouco uso pela limitada gama de possibilidades, tornando-se um local problemático e sujeito a criminalidade, expondo os usuários do entorno a riscos de violência. Além disto, mostra-se como um espaço sem vida, pela ausência de pessoas e por não proporcionar atividades que estimulem a sociabilidade e a funcionalidade deste local, dificultando a criação de uma área que aumente a qualidade de vida da população e que atenda as reais necessidades de todos, gerando incentivos à presença de pessoas e resultando na vitalidade desta área.

Porém, como mostra a Figura 10, as potencialidades da área do Parque são inúmeras, tanto pela sua facilidade de acesso, quando pelas suas próprias dimensões, o espaço se torna um importante instrumento na melhoria da qualidade de vida das pessoas, mostrando o quanto são importantes as Políticas Públicas defendidas por Mariano (2008) e Torres e Costa (2010), para que haja investimentos na qualidade do espaço da cidade e o favorecimento do bem estar de diferentes camadas sociais.

FIGURA 10 – Potencialidades do Parque de Exposições



Fonte: Do autor, 2016.

Exemplificando o que já foi apresentado, a Figura 10 mostra a falta de oportunidades que este espaço tem por ser um local já “estruturado”, em que teria tudo para ser uma área de lazer e funcionalidade “coringa” para a população da cidade. Através de manutenções, animação sociocultural e construção de novos usos, o Parque de Exposições se tornaria um instrumento na melhoria da qualidade de vida das pessoas e provedor de atividades que contribuiriam para o bem-estar psicológico dos usuários e funcionando como um estimulador do convívio social.

5 CONCLUSÃO

Através das teorias apresentadas, pode-se entender as consequências que um espaço mal estruturado proporcionam no comportamento e qualidade de vida de seus usuários, apresentando o planejamento urbano bem estruturado como importante instrumento na geração de espaços vivos e funcionais, incentivando a diversidade de usos de uma maneira mais complexa, de modo a atingir vários públicos, proporcionando maior dinamismo ao espaço, da mesma forma que evitar a morte destas áreas, que implicam na dificuldade de sociabilidade, ou seja, no incentivar ou evitar o uso dos espaços destinados ao lazer.

Do mesmo modo, pode-se entender o quanto a preocupação com a humanização do espaço público se faz necessária para que os seus usuários sejam bem tratados, no sentido de não haver impedimentos de usufruir com liberdade do local, a fim de evitar a segregação social e valorizar a escala humana, criando uma democratização do espaço urbano.

Foi possível identificar o quão carentes são as oportunidades que estes espaços públicos oferecem, por muitas vezes se apresentarem como locais já “estruturados”, que poderiam se tornar áreas de lazer e funcionalidade “coringa” para a população das cidades. Através de manutenções, animação sociocultural e construção de novos usos, estes espaços se tornariam um instrumento na melhoria da qualidade de vida e provedores de atividades que contribuiriam para o bem-estar psicológico das pessoas.

Permitindo-nos entender a reação de seus usuários com a situação que eles se encontram, identificando a vulnerabilidade em que se apresentam certas manifestações culturais deste espaço e buscando a melhoria a fim de gerar espaços de qualidade.

Por fim, observa-se que, na cidade de Espera Feliz, há a presença de espaços com potencial de aproveitamento para a inserção de lazer, funcionalidade e atenção aos movimentos culturais ali presentes, porém, o uso em que estes se destinam cria uma série de limitações aos usuários, pela falta de estruturação e adequação, confirmando a possibilidade de reorganizar e reestruturar esses locais, indicando o seu uso de acordo com suas características e localidades, buscando suprir as necessidades das pessoas como forma de incentivar a diversidade e atingir diferentes culturas, tribos e grupos sociais, criando uma relação mais próxima das pessoas para com os espaços e proporcionando maior sociabilidade, gerando qualidade de vida para a população e dinamizando a utilização dos espaços da cidade.

6 REFERÊNCIAS

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOOGLE Earth. Acesso em: 13.Mai.2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Cidade e Espera Feliz-MG**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=312420&search=minas-gerais|espera-feliz&lang=_EN>. Acesso em: 21.mar. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História de Espera Feliz - MG**. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=312420>>. Acesso em: 21.mar.2016.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARIANO, Stéphanie Helena. **Políticas Públicas de Lazer em Cidades de**

Pequeno Porte de Regiões Metropolitanas. 2008. 300 f. Monografia (Pós-graduação em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, 2008. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/CYWYIQCXVIMX.pdf>>. Acesso em: 21.mar. 2016.

RIO, Vicente del. Uma proposta metodológica. In: _____. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento.** São Paulo: Pini, 1990. 96-106.

SOUZA, Maria Julieta Nunes de. Encontros e Desencontros: Sentidos dos Espaços Públicos Contemporâneos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Salvador, v. 11, p. 1-21, maio de 2005. Disponível em: <<http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3477/3407>>. Acesso em: 21.mar. 2016.

TORRES Rayssa Crystyna Galvão; COSTA Andréa Virgínia Freire. **Lazer na cidade:** uma proposta de humanização do espaço urbano. Maceió, 2010. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1305/850>>. Acesso em: 15.abr. 2016.